

TIRADENTES: UM PRESÍDIO DA DITADURA¹

Da memória emergem marcas do passado recente que contribuem para compor a História do Brasil

Freqüentemente me pergunto por que, ao tratar assuntos os mais variados, nos dias que correm, começo por me colocar e às minhas lembranças; será isso egocentrismo? Ou é simplesmente um modo de, a partir da imagem que para mim mesma projeto da minha sombra no campo do acontecimento, principiar a ter uma visão mais nítida dos fenômenos?

Naturalmente, prefiro que a verdadeira seja a última hipótese; e dito isto, para tranqüilidade da minha consciência, passo a me ver, duplicando-me e saindo de mim, num dia qualquer do ano de 1954, recém formada na Faculdade de Direito da USP do Largo São Francisco, parada diante do portão de pedra do presídio da Tiradentes.

Acontece que eu fora procurada pela mãe de um preso na Detenção; seu filho estava encarcerado irregularmente havia muitos meses. Na certa era um ladrãozinho comum, mas para a mãe dele, como para todas as mães de presos, ele fora vítima das más companhias, dessas indeterminadas más companhias, que a tantos têm levado ao cri-

me, e à punição... sempre, é claro, aos olhos das mães.

Bom, eu tinha conseguido o alvará de soltura, tinha-o levado à Tiradentes, tinha conseguido soltar o rapaz; acompanhei-o, cheios os dois de alegria, até à porta do presídio. Era ali que eu devia receber os meus honorários ou, pelo menos, o compromisso do pagamento.

Mas acontece que, quando se viu na rua, o rapaz simplesmente disparou a correr pela avenida afora, naquele tempo mais tranqüila e deserta, deixando-me ali parada, com a minha fresca ciência jurídica nas mãos, nos olhos e na pasta, vazia de honorários.

Claro está que devo ter ficado desapontada; mas me lembro bem de que, mais forte que a minha decepção, por não ter recebido nada em paga do trabalho feito, foi a sensação de liberdade, de alívio, de espaço ilimitado que me deu a corrida desenfreada do rapaz pela avenida. Essa sensação foi tão prazerosa que apagou qualquer desilusão. Ergui os ombros e segui meu caminho de advogada novata, tendo aprendido mais alguma coisa.

Hoje, ao passar pela avenida, ainda vejo o pórtico onde aprendi que a liberdade é mais importante que os honorários. Agora,

A AUTORA

Renata Pallottini

Professora Doutora do Departamento de Artes Cênicas da ECA-USP. Dramaturga e poeta.

1. FREIRE, Alípio, ALMADA, Izaías, PONCE, J.A. de Granville. (orgs.). **Tiradentes, um presídio da ditadura**. Memórias de presos políticos. São Paulo: Scipione, 1997. 549 p.

lendo *Tiradentes, um presídio da ditadura*, aprendo mais, muito mais.

O LIVRO

O livro, organizado por Alípio Freire, Izaías Almada e J. A. de Granville Ponce e belamente editado pela Scipione, nos proporciona algumas surpresas: em primeiro lugar, não tem predominante um tom reivindicatório, queixoso ou denunciador – os quais, aliás, caberiam perfeitamente no contexto. Mas não: vêem-se, ao longo das mais de quinhentas páginas do volume, desde receitas de como fabricar cachaça de laranja até cartas de amor, recordações de namoros, de atos de solidariedade. Enfim: predominam no livro manifestações vitais, depoimentos que reforçam o inato e obrigatório otimismo que – sempre – informa àqueles que dedicam sua vida a tentar modificar, com maior ou menor sucesso, o nosso mundo, esta babel em que vivemos.

Explique-se: acredito que existam no mundo, basicamente, duas posturas de vida: ou se pensa que o homem pode melhorar e melhorar a sociedade (por consequência o mundo) em que vive, ou se acredita que o ser humano não tem jeito e que o negócio é deixar como está e procurar não se machucar muito.

Qualquer uma das duas posições tem várias ramificações: na primeira, há os que pegam em armas, os que escrevem, os que fundam comunidades, os que falam, os que fazem arte, os que ensinam, educam, desejam, almejam, sonham. Na segunda também existem artistas e escritores; mas se angustiam acreditando na impotência fundamental do homem, na fatalidade da condição humana, na determinação divina, no beco-sem-saída. Estes, todavia, ainda são os melhores. Há os que simplesmente acham que é bom que tudo fique assim mesmo e que o melhor

que o homem tem a fazer é salvar-se individualmente, cabendo nesse *salvar-se* até mesmo a improbidade e a locupletação.

Tenho uma imensa admiração pelos que pertencem ao primeiro grupo, embora reconheça que alguns dos melhores artistas que conheço pertencem ao segundo. Mas saber que alguns preferem deixar suas comodidades, seus sentimentos pessoais, seus sonhos de indivíduo em benefício de um projeto de melhora comum; saber que isso, muitas vezes, foi feito por aqueles que estavam em plena mocidade, cuja força e saúde estavam intactas e que ofereceram inclusive sua integridade física e sua vida em benefício de algo que supunham ser o caminho para a evolução e realização do ser humano é algo de admirável.

Tiradentes, um presídio da ditadura, organizado por três indivíduos que pertencem ao primeiro grupo, reúne depoimentos de trinta e duas dessas pessoas, trinta e dois ex-presos políticos, entre os quais dez mulheres. Desses, quinze eram estudantes, quase a metade; havia operários, religiosos, jornalistas.

Estamos acostumados, pela leitura de notícias e referências, a pensar que caíam presos, no período negro da ditadura, pessoas que haviam tomado parte em atividades de violência: assaltar, seqüestrar, matar. No entanto, pelos depoimentos agora conhecidos, vê-se (e já se sabia, mas se volta a ver) que houve gente que foi presa por participar de passeatas, por tentar reorganizar células estudantis, por falar e escrever, por ter tentado comunicar suas idéias, em artigos de jornal, poemas, dramas, canções; seres humanos que foram encarcerados por serem parentes de alguém que estava sendo perseguido, por suspeita, por cisma, pelos mais diversos e inesperados motivos. Claro

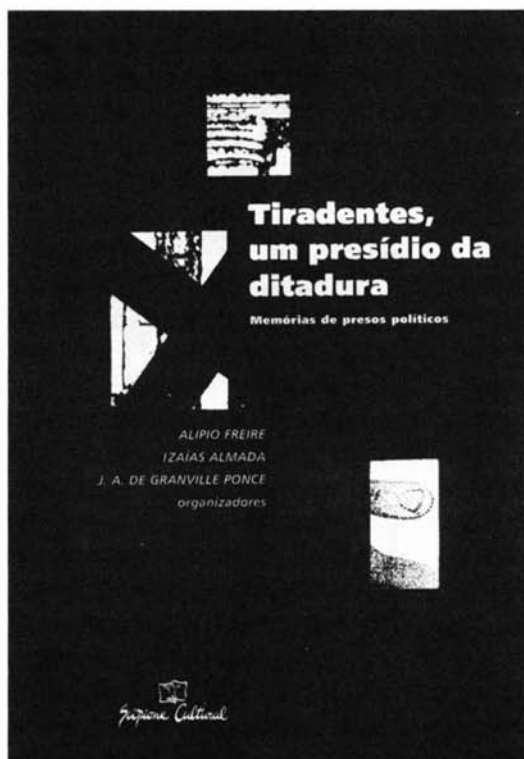
está que os ativistas aparecem e cumprem seus papéis – essas eram as suas convicções e por elas responderam. Mas o número de pessoas presas quase gratuitamente é muito grande.

MEMÓRIA E HISTÓRIA

Há outra constante: o Tiradentes era um lugar recebido quase que como um prêmio, de tal forma eram aterrorizantes as condições dos locais por onde, anteriormente, havia passado a maioria dos depoentes. Veja-se, por exemplo: *“Mas o horror era mesmo antes ou depois. O Tiradentes era uma espécie de calmaria, quase bonança – pelo menos durante um certo período”*.

Embora, ao fazer suas declarações, os depoentes pouco se detenham sobre os detalhes da tortura – sente-se, mesmo, em alguns, um certo constrangimento, um certo pudor em demorar-se nessas descrições – um presídio *tout court*, simplesmente cárcere, já era um grande alívio.

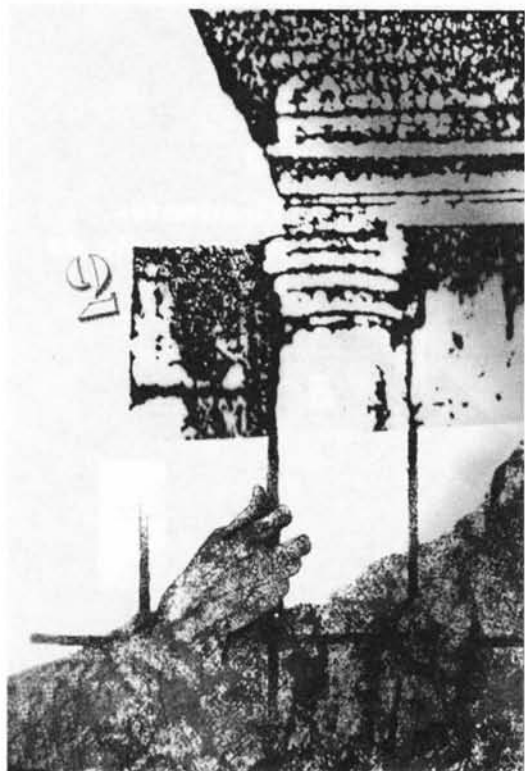
Poucos se propuseram falar sobre a tortura; nota-se, nos que o fizeram, o propósito consciente de tornar públicos mais uma vez os bárbaros métodos usados para obter confissões, os processos medievais e inquisitoriais de investigação. Os poucos que se dispuseram a lembrar, decerto com grande sofrimento pessoal, detalhes das sessões de tortura, sem dúvida fazem-no para não deixar cair no esquecimento, não permitir que se olvidem os detalhes dos suplícios que eram infligidos aos presos políticos na ditadura. Embora sejam, já agora, notórias as minúcias dessa prática bárbara a que a ditadura submeteu seus presos, nunca é demais lembrar que muitos morreram sob tortura, muitos em consequência da tortura; que alguns se mataram por não suportar as lembranças da tortura.



Tiradentes, um presídio da ditadura é uma daquelas peças que não pode faltar no quebra-cabeça da memória.

Muitos dos depoentes falam, de maneira comovedoramente solidária, a respeito dos presos comuns com os quais dividiram aquele espaço; lembram de suas vozes, do respeito que tinham uns pelos outros: os “corrós” (presos comuns) pelos presos políticos, as mulheres da *Torre das Donzelas* pelas mulheres encarceradas por conta de crime simples, muitas vezes, talvez a maioria, simplesmente prostitutas. Ajudavam-se uns aos outros, levavam e traziam recados, circulavam entre os pavilhões, quando podiam, e faziam a comunicação entre homens e mulheres (às vezes esposos, às vezes companheiros). Como nos conta um depoimento feminino:

“Mas, um dia, recebi através da carceragem uma flor de papel crepom: era uma flor grande, de cinco pétalas vermelhas e



Sérgio Ferro dá seu depoimento também através de suas ilustrações. Aqui a imagem tem nome: *O peso da cela*.

pistilo amarelo. Foi enviada por um companheiro do pavilhão masculino, que conheci no presídio. Coloquei-a no meu mocó e escandalosamente ela representava – sendo clandestina de origem – o sonho de que era possível o amor libertário”.

No meio da noite, quando os presos comuns eram torturados, foram as vozes dos presos políticos que, aos gritos furiosos, exigiram e conseguiram o fim de mais aquele bárbaro suplício.

É curioso acompanhar outra faceta dos depoimentos: a maneira especial como os detentos se referem aos seus *mocós*, caixotes suspensos das paredes, onde todos guardavam seus pertences mais íntimos e importantes: livros, cartas, radinhos, lembranças do

mundo de fora, flores secas, lenços, laços que podiam conservar e que faziam com que não se perdesse o último elo que ainda havia entre a liberdade e o cárcere. Cada *mocó* tinha uma cara, um jeito, uma personalidade, a personalidade do seu dono, aquela mesma que transparecia nas conversas, nas confidências, nas atividades diuturnas: o café da manhã (preparado quase sempre pelos mais madrugadores, onde por várias vezes se faz referência ao *gordo* Granville, insone consuetudinário); a ginástica através da qual, tradicionalmente, os encarcerados políticos mantêm a forma física e a dignidade humana; a limpeza das celas; as horas de estudo e de palestra; a preparação do alimento; o descanso e a meditação; o rádio e, quando possível, a televisão.

Outro detalhe interessante está na descrição dos cuidados tomados pelas mulheres, antes das visitas da família, de companheiros, de amigos: um dia antes elas começavam a lavar cabelos, escolher a roupinha menos má, tentar cuidar da pele – aqueles cuidados de que as mulheres, em geral, não gostam de esquecer-se. E, às vezes, quando, por alguma fragilidade humana, o encontro não era feliz, descrevem-se também as lágrimas, as confissões amorosas, o ombro amigo de companheiras de cela e de infortúnio.

“Dia de grande rebuliço era a visita, que acontecia, acho, aos sábados à tarde. Desde a véspera algumas se preparavam para melhorar a pele, o cabelo, escolher a roupa”.

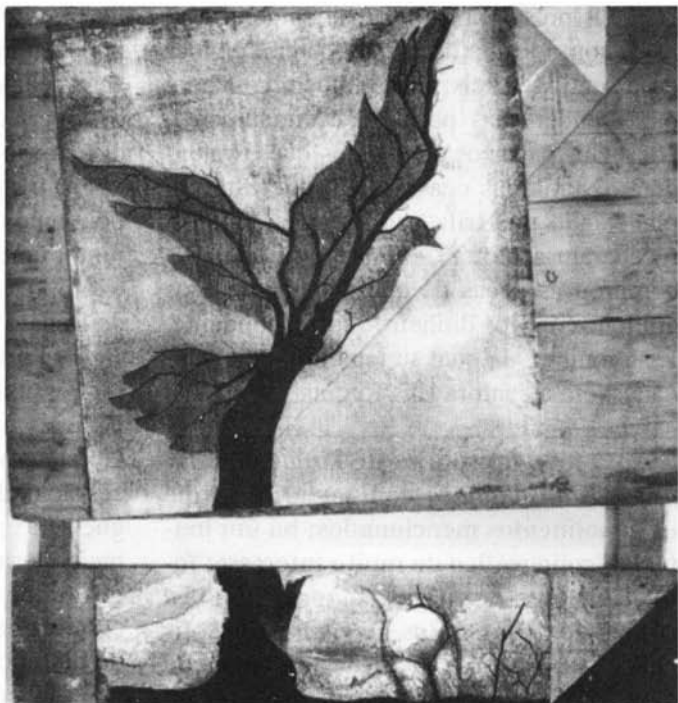
Havia o jogo de futebol semanal, quando os rapazes, nas suas celas restritas, afastavam os beliches e criavam um espaço, o espaço possível para o lúdico, para uma pequena diversão que tentava lembrar os tempos da liberdade. Dentro desse mesmo espírito se descrevem as dúvidas de consciência: torcer ou não torcer pelo Brasil na

Copa do Mundo de 70? Era notório que a ditadura estava utilizando o Campeonato Mundial para promover-se, como soem fazer os governos ditatoriais, capitalizando as vitórias esportivas, sinal de saúde e dedicação ao aperfeiçoamento físico. Mas, quem tinha coragem de torcer contra o Brasil? Muitos dos depoentes comentam sobre suas dificuldades, seus conflitos entre a razão e a emoção. Mas todos terminam por confessar que, sim, torceram pela vitória.

“Instaurou-se um debate em todo o Tiradentes, se devíamos ou não assistir aos jogos da seleção na Copa. Mais que isso, se devíamos ou não torcer pela seleção brasileira. Os mais radicais, digamos assim, vociferavam que deveríamos ignorar a Copa, argumentando que, se o Brasil vencesse, a ditadura sairia fortalecida”.

O Brasil venceu e a ditadura, naturalmente, faturou em cima disso; mas pode-se imaginar a frustração que seria, para aqueles rapazes (e moças, claro) encarcerados, sem liberdade, sem alternativas, sem quase nenhum lazer, sem grandes motivos de alegria e de festa, se não se tivessem permitido, ao menos, alegrar-se com todos os demais brasileiros?

Relembrem-se as visitas de autoridades e as contribuições que ajudavam a manter menos insuportável a vida no cárcere; alguns são lembrados com a repulsa que merecem, mas, por exemplo, menciona-se a importância da visita de D. Paulo Evaristo Arns, que teria ido ao presídio para ver quais eram as condições de vida dos presos políticos e, também, para pedir a Giorgio



Montagem de Rodrigo Lefèvre sobre o assassinato de Lamarca e de José Campos Barreto

RODRIGO LEFÈVRE

Callegari, padre dominicano, que interrompesse a greve de fome que estava cumprindo. Ao sair, D. Paulo teria dito, em presença de oficiais, que o frade deveria agir “de acordo com a sua consciência”.

“Essa declaração custou ao bispo auxiliar D. Paulo a proibição de visitar os presos políticos como representante da Arquidiocese”.

.....

“D. Paulo viajaria naquela noite para Roma e, durante o dia, foi ao presídio Tiradentes. (...) O arcebispo não escondia a sua preocupação com o aspecto físico do local, ainda mais que, por ser inverno, havia muita umidade e correntes de vento, que eram por nós diminuídas com a colocação de jornais afixados nas grades das janelas, como se fossem cortinas”.

Os presos faziam trabalhos de artesanato, como forma de manter-se em atividade e sentir-se úteis; mas também o faziam para vender suas peças e, eventualmente, conseguir pagar os advogados que os atendiam. Numa das ocasiões em que estavam planejando uma rifa para angariar fundos, receberam a oferta de uma moça que lhes comprou as peças de que dispunham e os ajudou com o dinheiro correspondente. Essa mulher, da qual se lembram com saudades, era a cantora Elis Regina.

O total do volume de *Tiradentes*, um presídio da ditadura comporta mais que os depoimentos mencionados; há um material iconográfico de muito interesse: fotos, recentes e antigas, mapas, plantas, cópias de documentos de vários tipos, fichas, desenhos, reproduções de obras de arte plástica produzidas no presídio ou sobre o presídio. É notável, por exemplo, a série de ilustrações produzidas pelo artista – e ex-presos político – Sérgio Ferro.

POESIA E RAZÃO

É assim que Sérgio Ferro conta parte do processo de produção das ilustrações: *“Foi difícil fazê-las. Ilustrar é representar; implica certa distância, alguma reserva. Não tenho ainda, 25 anos depois, afastamento necessário para reapresentar com as transposições convenientes o que continua pesando. Na minha pintura volta sempre o pesadelo – mas indiretamente, inconscientemente”*.

Compreende-se a marca a ferro em brasa que significou, não só para o artista mas para todos os demais presos do Tiradentes – e de outros presídios semelhantes – o período de encarceramento; o que significou em termos de perda, humi-

lhação, dor, sofrimento, vergonha. Mas se pode supor, também, o quanto lhes terá acrescentado – àqueles que conseguiram sobreviver ao monstro do Mal – em experiência, noção de solidariedade, vida sofrida e vivida e que, às vezes, é mais vida. Dois depoimentos, a meu ver, se destacam do conjunto, tantas vezes emocionante, comovente, impressionante: o de Jacob Gorender e o de Renato Tapajós.

O primeiro é um relato lúcido, lógico, impressionantemente real e realista; com palavras exatas e procuradas com cuidado, Gorender narra o que tem a dizer, numa sucessão dialógica, na qual uma conclusão segue-se às premissas, sem concessões e sem meios-termos. É o exemplo nítido de alguém que tem alguma coisa a dizer e a diz com clareza, extrema racionalidade e sentido da função de um depoimento.

Já em Renato Tapajós, num tipo de texto completamente diverso, o que impressiona é o escritor descobrindo, através da *floresta de panos* em que se tinha transformado, mercê do esvaziamento do presídio, a sua cela, vestígios dos companheiros que se tinham ido.

Como se estivesse habitando um labirinto, como se vivesse dentro de um texto de Borges, Renato Tapajós vai multiplicando seu espaço – o que sempre acontece nos labirintos – vencendo as cortinas de lençóis pendentes dentro da cela, e recuperando objetos abandonados, cartas, livros, manuscritos, outros tantos depoimentos, enfim, daqueles que o precederam no mesmo âmbito físico.

É um texto de alta qualidade, brilhante mesmo, sem tê-lo desejado, sem fugir, por qualquer pretensão maior, ao teor dos depoimentos que o precederam.

“Todos os dias, depois de ajudar na preparação da comida e de fazer ginástica, embrenhava-me na floresta de panos.

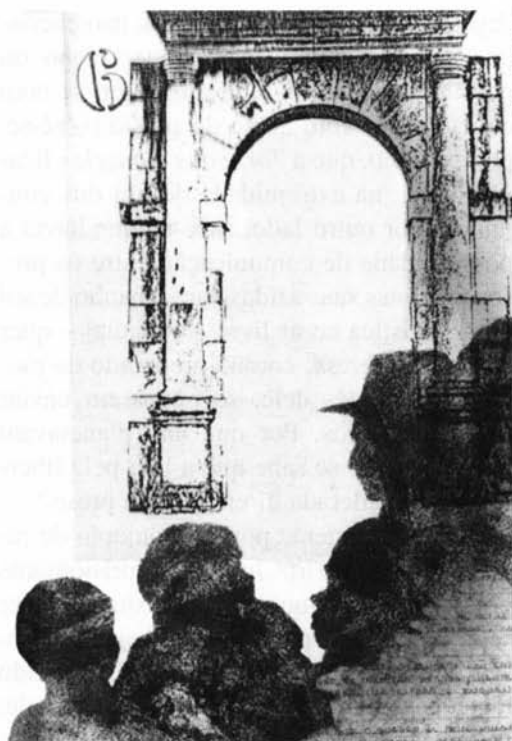
Imaginava estar organizando aquele labirinto. Na verdade, estava explorando, fazendo a arqueologia dos antigos ocupantes. Encontrava de tudo: livros, anotações, antigas cartas, objetos. Passando de um beliche a outro, entre colchões, cobertores e lençóis, surgiam os traços de nossos predecessores, preferências ideológicas e sexuais, fantasias, frustrações..."

É quase um menino, esse preso que explora o espaço que lhe é permitido, duplicando-o, estendendo-o até os limites do impossível – só possível na imaginação, de menino, de preso, de escritor.

Já o conjunto constituído pelos escritos que foram denominados *Outros olhares* destoa da parte mais importante do livro. Enquanto que, no início, vamos sendo tomados pelas palavras candentes, muitas vezes singelas, despretensiosas, de quem esteve lá, de quem está narrando apenas suas próprias experiências, aqui já se entra no âmbito da tese de doutoramento, do ensaio filosófico ou científico, de alguns textos que, até, não dizem muito a que vieram e se tornam algo crípticos, algo feito para especialistas, como é o caso de *Algumas práticas psi no Brasil do milagre*, onde se começa por não explicar convenientemente, salvo erro, o que são *práticas psi*.

Trata-se de reduções de teses ou de trabalhos de outra forma acadêmicos, que parecem deslocados numa publicação do tipo da que se está vendo, e cuja inserção se pode compreender, evidentemente, pelas intenções dos autores, pelo valor de seus trabalhos em prol dos presos políticos e da liberdade. Mas não pela oportunidade da junção, no caso, de coisas distintas.

É curioso, quando se acompanham todos os depoimentos e, mais, quando se tem acesso às fotos do presídio e a outros documentos que o mostram e descrevem, que nunca se tenha falado em fuga ou tentativa



SÉRGIO FERRO

A solidariedade é a face de O n. 6, a fila no portão dos que vinham nos ver.

de fuga por parte dos depoentes.

Também de minhas recordações de estudante de Direito: lembro-me de uma ocasião em que professores nos levaram a visitar a Casa de Detenção (nome pelo qual era conhecido, naquele tempo, o presídio da Tiradentes). Lá, pude conversar com um dos detentos, preso de melhor nível de instrução, que trabalhava no escritório, auxiliando a administração. Sem entrar no mérito das razões pelas quais ele conseguira aquela facilidade (quase sempre os presos mais bem situados eram delatores), perguntei-lhe se havia dificuldade em se fugir do Tiradentes. Ele me olhou avaliando a possibilidade de se queimar com aquela declaração: – Escapar daqui é fácil... A gente não escapa daqui porque a vida lá fora está muito pior...

Estaria, já naquele tempo? Sabe Deus. Mas uma de minhas estranhezas, ao ler os

depoimentos de *Tiradentes*... foi não encontrar menção alguma a qualquer plano ou possibilidade de fuga. Examinando-se com cuidado uma foto aérea do presídio, vê-se, por exemplo, que a *Torre das Donzelas* ficava situada na extremidade de um dos conjuntos. Por outro lado, sabe-se que havia a possibilidade de comunicação entre os presos, quer nas suas saídas para o banho de sol ou a ginástica ao ar livre – eventual – quer através da *Teresa*, cordão preparado de modo que, através dele, se pudessem enviar recados escritos. Por que não planejavam fugas, quando se sabe que a luta pela liberdade é considerada direito de um preso?

Provavelmente por um conjunto de razões; em primeiro lugar, os prisioneiros políticos sabiam que um pretexto qualquer seria bem-vindo para que vigilantes pudessem, simplesmente, executá-los. Em segundo lugar, havia ainda o sentido de solidariedade; provavelmente, a uma fuga podia seguir-se

uma série de medidas de repressão, revanche, represália, atingindo companheiros inocentes, que haviam ficado no cárcere.

Mas, creio eu, havia mais: um sentimento profundamente arraigado de que sua prisão era injusta, de que eram inocentes, de que seu delito – quando havia – era basicamente de opinião e não podia ser enfrentado com a fuga; merecia discussão, confrontação e diálogo. Tudo, menos a fuga simples.

Tiradentes, um presídio da ditadura é, como se pode ver, um livro riquíssimo, provocador, que produz e produzirá discussões, polêmica e debates. Acho até que é isso mesmo que desejam os seus produtores. Que assim seja; *Tiradentes*, o presídio, nunca mais. Que se resolvam nossas questões através do confronto de idéias, expresso com palavras. Afinal, é assim que se têm afirmado todas as teorias filosóficas e políticas do mundo, e são elas que possibilitam a modificação que esse mundo está a exigir.

Resumo: A autora faz a crítica ao livro *Tiradentes, um presídio da ditadura. Memórias de presos políticos*, organizado por Alípio Freire, Izaías Almada e J. A. de Granville Ponce, editado pela Spicione, em 1997. Traz à tona e costura com seu próprio olhar os depoimentos dos que foram os presos políticos do Tiradentes, ressaltando o valor do livro por trazer ao conhecimento do público, revelando, para compor a História, o cotidiano vivido na prisão por aqueles que ousaram lutar contra a ditadura. Conta como o livro mostra os laços de solidariedade que se estabeleceram entre os presos, a organização das rotinas diárias para se conseguir viver com dignidade, a resistência à tortura e humilhações, a integridade dos valores morais e os sonhos de liberdade, por um mundo melhor.

Palavras-chave: Presídio Tiradentes, livro, depoimento, ditadura, presos políticos

Abstract: The author critiques the book *Tiradentes, um presídio da ditadura. Memórias de presos políticos*, organized by Alípio Freire, Izaías Almada and J. A. de Granville Ponce, edited by Spicione, in 1997. It brings up and knits together, with its own view on the depositions of those who were the Tiradentes political prisoners, stressing the value the book brings to public knowledge, revealing, in order to compose History, the day to day lived in prison by those who dared to fight against the dictatorship. The article tells how the book reveals solidarity ties that were established among the prisoners, the organization of daily routines in order to be able to live with dignity, the resistance against torture and humiliation, the integrity of moral values and the dreams of freedom for a better world.

Key words: Tiradentes Jail, book, deposition, dictatorship, political prisoners